

FANTUZ, Giuliana Vittoria — *Juliana de Norwich. A mística da alegria*.
Prior Velho: Paulinas Editora, 2019, ISBN: 978 – 989 – 673 – 683 – 5, 103 pp.

Os primeiros trinta anos da vida de Juliana de Norwich – considerada a mãe da prosa inglesa – são uma verdadeira incógnita, de tal modo, que ainda hoje resulta desconhecido o seu verdadeiro nome, assim como o local e a data exacta do seu nascimento. Terá vindo ao mundo durante a segunda metade do ano 1342, falecendo, presumivelmente, 74 anos mais tarde (1416), em Norwich (Norfolk, Inglaterra). Na opinião de Giuliana Vittoria Fantuz, no capítulo introdutório dedicado ao *Mistério da sua vida*, Juliana de Norwich «foi uma das mais extraordinárias contemplativas e anacoretas da nossa história, considerada por muitos estudiosos como uma das teólogas mais importantes da tradição cristã» (p. 9).

Esta pequena mas esclarecedora obra que aqui recenseamos, apresenta-se dividida em duas partes. A primeira dá início com um brevíssimo prefácio do Bispo de East Anglia, Alan S. Hopes, seguido de uma pertinente introdução da autoria do Padre Christopher Wood, Reitor da Igreja de Saint Julian de Norwich, onde a mística viveu os últimos 40 anos da sua vida, clausurada numa cela contígua à Igreja. Ambos sacerdotes fazem questão de salientar o carácter optimista, de esperança e de coragem que nos transmitem os textos desta notável mística medieval. Um optimismo longe de ser «simples e cego» (p. 7), porque Juliana conheceu efectivamente o verdadeiro sofrimento, «mas ao mesmo tempo vivenciou o poder do Pai, do Filho e do Espírito Santo envolvendo-a no seu amor eterno» (p. 7).

Após estes necessários preâmbulos, Fantuz dedica o capítulo seguinte ao perfil humano desta asceta, que chegou a ser procurada pelos seus conselhos espirituais, respeitada e reconhecida na sociedade de Norwich, uma cidade rica e opulenta, com 52 igrejas profusamente ornamentadas com Arte Sacra, um mosteiro beneditino e uma imponente catedral que albergava uma das bibliotecas melhor fornecidas do reino. Todo este património cultural e espiritual «deve ter contribuído para a formação de Juliana» (p. 14).

A primeira parte conclui com um capítulo dedicado a introduzir o leitor no contexto literário propriamente dito, a modo de preparação para a leitura dos fragmentos seleccionados da obra de Juliana de Norwich: *Revelations of Divine Love (Revelações do Amor Divino)*. Fantuz considera pertinente esclarecer as questões relacionadas com os textos manuscritos, salientando as especificidades do contexto em que surgiram. A primeira versão – o chamado *Texto Breve* –

terá começado a ser escrito em 1388, após uma longa e penosa doença durante a qual, a mística reclusa recebera um importante conjunto de revelações. A segunda versão – o chamado *Texto Longo* – é a reelaboração do anterior, calmamente meditado e ponderado ao longo de «vinte anos menos três meses» (p. 20). «Tudo isto me foi mostrado de três modos; isto é: mediante a visão corpórea, depois com as palavras que se formavam no meu intelecto e, por fim, mediante a visão espiritual» (p. 23), explica Juliana de Norwich.

Este longo período de ponderação, pouco frequente em processos de escrita, mostra, segundo Fantuz, como e quanto Juliana era tão pouco inclinada a iludir-se e enganar-se a si mesma. Intelectualmente era mais partidária da honestidade e do cepticismo do que da «credulidade e a credence», analisando «com lucidez e cuidado a sua experiência» (p. 29). Juliana meditou profundamente as experiências que tinha vivido, de modo que «só quando teve a intuição do significado global das visões» sentiu-se realmente preparada para transmitir «tudo aos vindouros» (p. 30).

Os excertos seleccionados de cada uma das 16 revelações – apresentados na segunda parte do livro – revelam uma mulher com um profundo conhecimento das fontes patrísticas, bíblicas e medievais; um uso ágil e fluido da retórica e uma capacidade extraordinária de argumentação teológica expressa em língua inglesa. A sua humildade e o desejo de aproximação a todos os «irmãos cristãos» permitem-lhe encontrar modos claros de expressão, num estilo simples, onde não falta o sentido do humor, o que a coloca «ao nível dos melhores prosadores ingleses da época» (p. 21).

A escolha dos textos seleccionados por Giuliana Vittoria Fantuz revela-se bastante criteriosa, permitindo ao leitor captar os pontos essenciais da mensagem da reclusa de Norwich. Porém, em alguns momentos, a interrupção de determinado parágrafo tem lugar num ponto do texto menos propício, o que pode provocar uma ligeira sensação de frustração no leitor, ficando com uma imagem incompleta da ideia a transmitir, o que se agrava nos casos em que o leitor não é especialista na matéria. A tradução dos textos foi realizada com cuidado e rigor, tarefa nada fácil quando se trata de textos com um conteúdo deste teor. Nesse sentido, o tradutor, António Maria da Rocha, merece um justo elogio.

O optimismo e a consolação são as sementes que germinam ao longo de toda a obra de Juliana, onde nos apresenta um Deus cortês e amável; que é, ao mesmo tempo, pai, mãe, namorado e jovem esposo, tal e como o profeta Oseias o apresenta no Antigo Testamento, o que evoca sentimentos e ligações

de carinho, atenção e confiança: «E, depois, eu vi que Deus está contente por ser nosso pai [...] por ser nossa mãe [...] Ele, que é a verdadeira mãe da vida e de tudo» (p. 26).

A doutrina de Juliana de Norwich advoga pela humildade e pela prática da oração de contemplação, de modo a evitar a tristeza causada pelas constantes quedas – fruto das imperfeições humanas – e fomentar a alegria plena do amor de Deus. Na primeira revelação declara: «Orar à bondade de Deus é, portanto, a oração mais alta» (p. 35).

Um dos momentos mais interessantes é, sem dúvida, aquele que descreve na primeira revelação, cuja representação em imagem – cedida pela autora Gay Pogue -, confere ao livro a sua apelativa e atraente capa. «E, nisto, Ele me mostrou uma pequena coisa, do tamanho de uma noz [...]. É tudo o que foi criado» (p. 34). Fantuz faz questão de salientar este curioso facto (p.25, nota 11), relacionando-o com a teoria do *Big Bang*, segundo a qual, momentos antes da grande explosão, o universo terá estado de tal forma comprimido, que teria o tamanho de uma pequena bola, sendo esta a proporção das coisas criadas (como lhe foi revelado a Juliana) se eliminado todo o espaço vazio.

Outro aspeto que chama a atenção do leitor é o elogio à infância, mais ainda, considerando a desvalorização de que esta etapa da vida foi alvo durante a Idade Média. Juliana exorta a seguir a prerrogativa do bebé que «por sua natureza, sempre se confia ao amor da mãe, na felicidade e na desgraça» (p. 85). Na décima quarta revelação, Juliana de Norwich compreendeu a importância de se ser criança e «entendi que não há, nesta vida, condição mais alta do que a infância, mesmo na debilidade e na falta de poder e conhecimento» (p. 85). Para Juliana, a infância é um momento precioso por ser a fase de transição entre o nascimento espiritual da alma e a chegada à bem-aventurança do nosso Pai (p. 85). De aqui surge o ensinamento supremo de Juliana de Norwich, que lhe foi revelado directamente por Deus e que a transforma – como o subtítulo indica – na mística da alegria: «All shall be well», tudo acabará bem.